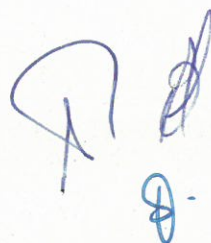


ATA

N.º 02/2024

**SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPOSENDE**

**Realizada em
25 de abril de 2024**



ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPOSENDE, REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2024: _____

---Aos **vinte e cinco** dias do mês de **abril** do ano **dois mil e vinte e quatro**, nesta cidade de Esposende e no Fórum Municipal Rodrigues Sampaio, reuniu em sessão extraordinária a Assembleia Municipal de Esposende, expressamente convocada para o efeito, sob a presidência de Carlos Manuel Pires Martins da Silva, na qualidade de Presidente da Assembleia Municipal. -----

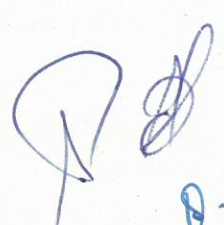
---A reunião da presente sessão foi secretariada pelos Primeiro e Segundo Secretários da Mesa, respetivamente, Otilio Silva Hipólito e Jaqueline Casado Afonso Areias. -----

---Para além dos membros da Mesa, encontravam-se presentes os seguintes membros: -----

Tito Alfredo Evangelista e Sá,
António José Pereira Morgado,
José Maria Losa Esteves,
Marta Margarida Silva de Carvalho Viana,
Sara Filipa Gonçalves Herdeiro,
Anabela Solinho Martins,
Sandra Patrícia de Sá Gomes,
Baltazar Almeida da Costa,
Domingos José da Cruz Carvalho,
Manuel Francisco Vasco Gaifem, em substituição de Francisco Manuel Guimarães de Melo,
Paulo Fernando Ferreira Teixeira,
Mariana Gonçalves Viana,
Manuel Marcelino Correia da Silva Cunha,
Armando Luís Lopes Martins,
Manuel José Sampaio Viana,
Vitor Manuel Queirós Quintão,
Eduardo Oliveira Maia,
Mário Pires de Boaventura,
Valdemar Mota de Faria,
Manuel Eiras Martins de Abreu,
Aurélio Mariz Neiva,
Carlos Veiga Escrivães e
Mário Ferreira Fernandes.

---Sendo 10 horas e 05 minutos, verificando-se a existência de “quórum” para o funcionamento da Assembleia, pelo Presidente da Mesa foi declarada aberta a sessão, encontrando-se presente o Presidente da Câmara Municipal, António Benjamim da Costa Pereira, em representação desta, bem como dos Vereadores:

Artur Guilherme Lima Souto Emílio
Alexandra Suzana Abreu de Faria Carvalho Roeger,
Luís António Sequeira Peixoto,
António Sérgio Moreira Mano,



Mário Rui Pereira Ferreira Neiva Losa, e
Maria Alexandra Campos Esteves Faria de Vilar.-----

---Verificando-se a ausência dos Deputados Municipais António Maria Miranda Neves, José Manuel Cruz Silva, Manuel Fernando Lima de Meira Torres e Ilídio Morais Rodrigues.-----

---Não compareceu inicialmente o Deputado Municipal Tito Alfredo Evangelista e Sá, tendo chegado pelas 10 horas e 15 minutos.-----

01 - PERÍODO DA ORDEM DO DIA: _____

01.01 – ABERTURA DA SESSÃO EVOCATIVA DOS 50 ANOS DO 25 DE ABRIL: _____

Usou da palavra o senhor Presidente da Assembleia Municipal, cumprimentando os presentes e declarando aberta a sessão extraordinária evocativa dos 50 anos do 25 de abril.-----

01.02 - INTERVENÇÕES POLÍTICAS: PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL; GRUPOS POLÍTICOS COM REPRESENTAÇÃO MUNICIPAL; PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE. _____

Pelo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, foi feita a intervenção que se transcreve:

“Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Esposende, Arq. Benjamim Pereira; ao cumprimentá-lo a si cumprimento todos os vereadores da CME;

Exmos. Membros da Assembleia Municipal, incluindo os Srs. Presidentes de Junta de Freguesia e União de Freguesias;

Ex.mos anteriores Presidentes da Assembleia Municipal (aqui presentes Alberto Figueiredo, António Couto dos Santos e Agostinho Silva) e seus familiares, incluindo os que estão aqui em representação dos ausentes António Baptista Marques Henriques, Manuel Meira Gonçalves Pereira, Jorge Félix de Araújo, Luís Gonzaga Eiras de Azevedo, Rosa Cardoso Salgado Torres da Fonseca e António Fernandes Ribeiro);

Presidentes dos Conselhos de Administração das Empresas Municipais;

Representantes das Instituições Cívicas, militares e religiosas aqui presentes;

Ex.mos trabalhadores do município;

A todos os que assistem a este evento através dos meios de comunicação presentes;

Comunicação Social;

Minhas senhoras e meus senhores,

Bom dia a todos!

As datas fazem parte da nossa História e a História não deve ser esquecida. Um país que esquece a própria História está destinado a repeti-la e a cometer os mesmos erros. Será que queremos cometer os mesmos erros?

Celebramos uma vez mais o 25 de abril, uma data que o nosso Município assinala hoje com uma sessão extraordinária desta Assembleia Municipal dedicada a este dia e ao seu simbolismo. Obrigado pela vossa presença.

Este período decorrido de 50 anos permite-nos lembrar e comemorar com o devido afastamento esta data marcante, fundadora da nossa democracia e afastarmo-nos das interpretações extremas e extremistas, a ela ainda associadas. Mas mais do que uma data, o 25 de abril de 1974 representa um processo e é o evento maior de uma sequência de eventos que permitiram o estabelecimento de uma democracia liberal, representativa e plural, com liberdade de expressão, em que todos contam. Nessa sequência de eventos não posso deixar de citar duas outras datas, datas de eventos consolidadores da nossa democracia, o 25 de abril de 1975, data das primeiras eleições livres no nosso país para a Assembleia Constituinte e o 25 de novembro de 1975, um marco na consolidação da democracia.

Estas comemorações são acima de tudo um alerta para todos nós que a democracia nunca está garantida e que nos devemos envolver e contribuir no dia a dia para o seu enraizamento e vitalidade, uma tarefa sempre inacabada. Os cidadãos que integram os órgãos do poder local têm essa responsabilidade acrescida.

O que significa o 25 de abril para cada um de nós?

Pensamos todos do mesmo modo? Vemos todos o 25 de abril com o mesmo olhar? Claro que não e diria ainda bem.

Estamos aqui hoje e seguramente diferentes olhares sobre o 25 de abril vão ser expostos. Essa é por si só uma grande conquista: a liberdade de pensar diferente, não impondo esse pensamento diferente aos outros.

O 25 de abril é muito mais do que apenas o fim de um período da nossa história, o Estado Novo. É o princípio de um novo período, a democracia, que na verdade convém relembrar é a única de forma de regime que se baseia na dignidade da pessoa humana. É um sistema perfeito? Claro que não. Encontra-se inacabado. Inacabado, porque muito falta ainda fazer.

Estamos melhor que em 1974? Sem dúvida, muito melhor. Ninguém pode negar essa realidade.

Mesmo a grande maioria dos jovens veem o 25 de abril como uma data marcante e com resultados positivos muito significativos na nossa sociedade, apesar de não terem vivenciado o antes e viverem apenas no depois.

Um dos exemplos marcantes de sucesso nestas 5 décadas de democracia foi a reformulação do poder local e a sua implementação e consolidação. Basta percorrer o país e ver refletido na vida real o papel do poder local nas nossas vidas diárias. Nesse sentido, com toda justiça, e porque somos e devemos ser um povo com memória, prestamos hoje homenagem aos anteriores Presidentes de Assembleia Municipal desde o 25 de abril - e nas suas pessoas prestamos também homenagem, e com sentido de gratidão, a todos os que foram membros desta AM. É uma forma de tributo num tempo em que o desempenho de cargos políticos não é vista como uma atividade nobre; deveremos vê-los como exemplos e lutar contra esta demagogia fácil e impulsiva que, de uma maneira fácil e irresponsável, diz mal de tudo e de todos, que corrói a democracia e afasta os cidadãos comuns da Causa Pública, comum a todos nós.

Mas como dizia, falta muito ainda para dar continuidade a este período de 50 anos, que na verdade está longe de ser perfeito.

A realidade do nosso país é conhecida, aliás espelhada nas informações e indicadores de entidades nacionais e internacionais credíveis.

Infelizmente assistimos nos últimos tempos a uma degradação acelerada das instituições e uma quase inacreditável falência geral dos serviços públicos, nas áreas onde todos nós esperamos que haja resposta quando precisamos: saúde, educação segurança, justiça e



habitação. Na verdade, passados 50 anos, todos nós esperávamos estar melhor do que estamos e não tem estado tudo bem, agravado ainda pelo facto de sermos um país com um problema demográfico grave, um país que necessita de mais crianças e mais jovens.

Apesar de ter 50 anos, a nossa democracia ainda é jovem e tem tido as suas dores de crescimento. Mas o caminho faz-se caminhando. Falta a consolidação das nossas instituições, falta fazer as reformas estruturais necessárias e essenciais para que todos nós tenhamos uma melhor qualidade de vida numa sociedade em que os seus elementos se sintam livres, que se sintam respeitados, mas que respeitem os outros, uma sociedade em que as pessoas tenham mais autonomia, mas com responsabilidade e em que o estado tem que estar presente em áreas fundamentais, mas não onnipresente.

Só assim se combatem as ideias extremadas quer de direita quer de esquerda.

Estamos agora no início de um novo ciclo. Esperemos que este novo governo trabalhe, mas parafraseando Fernando Pessoa, mais importante é que saiba trabalhar, pois esse é o segredo do sucesso.

O sucesso de um governo de Portugal é o nosso sucesso. O seu sucesso significará que o futuro dos nossos filhos e dos filhos dos nossos filhos seja melhor que o nosso, mantendo a esperança de viver numa sociedade que continue livre e com qualidade de vida, onde a demagogia e o populismo não encontrem um terreno propício ao seu crescimento.

Este é que é o verdadeiro legado do 25 de abril e não apenas meras frases ideológicas repetidas até à exaustão, desligadas do país real. O país real é aquele que quer evoluir para uma sociedade em que se vive dignamente, em liberdade, mas com responsabilidade e em que se distribui a riqueza e não a pobreza. É uma tarefa de todos para todos, do estado central, do município e de cada um de nós.

Muito obrigado, mais uma vez, pela vossa presença.”-----

De seguida interveio a Senhora Deputada Municipal Independente Anabela Solinho, tendo referido:

“Bom dia, Senhor Presidente da Assembleia, Mesa, Senhor Presidente da Câmara, respetivos Vereadores, Senhores Deputados, Público em geral

Nesta comemoração dos 50 anos do 25 de abril queria deixar umas palavras.

Há uns anos, no aniversário da revolução do 25 de abril de 1974, nesta mesma assembleia, eu falava da importância da mulher na sociedade e nas conquistas que abril lhe proporcionou. Hoje, falarei de novo na mulher e na sua missão na democracia.

A mulher cumpre-a.

Nunca parando a sua caminhada, porque conquistas adquiridas a partir de abril de 1974, serão sempre conquistas, embora, nunca definitivas.

Nos tempos atuais, tentam ressuscitar espectros que parecem querer roubar a alma feminina e fugir à evidência da emancipação da mulher, como se Portugal não se tivesse cumprido.

A mulher terá de estar ainda mais atenta, de modo que, caricaturas, não se lhe imponham, nem a reduzam a papéis que somente asseguram a essas caricaturas, tranquilidade e poder.

A mulher, terá de estar atenta, para que caricaturas, não a constrem na sua caminhada identitária e profissional. A mulher é musa, não divina, é física e tem opinião.

Ninguém precisa de tomar as suas competências como afrontas e receios.

Nos dedos da mão de uma mulher, seguram-se freios, apertam-se mágoas, soltam-se alegrias, constrói-se história.

Reconhecer a mulher assim, como independente e interventiva, assegura-se uma sociedade afetuosa, construtiva, em multiculturalidade, sem preconceito.

Portugal tem uma identidade e o melhor será continuar a assegurá-la no feminino, com a democracia, a liberdade, a igualdade. E sem dissimulação, fingimento, atropelo, calculismo.

Por isso recordo, "Porque" de Sophia de Mello Breyner Andresen:

"Porque os outros se mascaram, mas tu não

Porque os outros usam a virtude

Para comprar o que não tem perdão,

Porque os outros têm medo, mas tu não

Porque os outros são os túmulos caiados

Onde germina calada a podridão.

Porque os outros se calam, mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem

E os seus gestos dão sempre dividendo.

Porque os outros são hábeis, mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos

E tu vais de mãos dadas com os perigos.

Porque os outros calculam, mas tu não."

25 de abril sempre, Viva Portugal."-----

Depois interveio o Senhor Deputado Municipal Independente Marcelino Cunha, tendo referido:

"Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia,

Elementos da Mesa,

Ex.mas. Senhoras e Ex.mos Senhores Vereadores,

Senhoras e Senhores Deputados,

Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia,

Equipa de apoio a estes trabalhos,

Senhoras e Senhores convidados,

Meninas e Meninos,

Público presente,

Bem-haja a todos.

"Faltam cinco minutos para as 23 horas".

Somos livres!

Começo por dizer que celebramos hoje o 25 de abril de 1974, porque sou e somos respeitadores do passado. Somos coerentes.

A todos os que nasceram antes, mas viveram, assistiram vendo e ouvindo o dia 25 de abril de 1974, o 11 de março e o 25 de novembro de 1975 e daí por adiante, peço que expliquem a todos, mas principalmente a todos os que nasceram depois, e que hoje falam e discutem o histórico "25 de abril";

Que expliquem, que deem a sua versão, do que sabem ou julgam que sabem o que aconteceu nessa data e contem o que aconteceu daí até hoje.



Sim, até hoje, porque explicando o que aconteceu até hoje, também ajudarão a perceber Portugal até agora e estarão a ajudar a entender essa relação Passado/Presente.

A todos os que nasceram a partir de 25 de abril de 1974, digo que leiam, leiam tudo o que possam, e oiçam todas as pessoas que têm uma história do "25 de abril" para contar, porque será sempre discutível.

Vejo e oiço muitos jovens com 50 anos, 40 anos, 20 anos, a falar do 25 de abril sem sentirem a importância histórica desta data, para Portugal, para os portugueses e para muitos não portugueses.

Quando ouvirem falar do 25 de abril de 1974, não escutem o Partido Político que vos indicaram nem o Partido Político que mais vos agrada, porque o 25 de abril de 1974 não é um partido, é um acontecimento histórico e universal, porque sabemos que não há lugar no mundo onde não haja um português e onde houver um português, há memórias do 25 de abril. Em 25 de abril de 1974, estava eu no Seminário.

Começavam tempos de grande convulsão social. Eu queria ser um futuro homem de paz.

É verdade que aquela geração de 50/60 levou com tudo o que houve de bom e de mau com as mudanças, e ainda por aí andamos a discutir e perceber essas novidades.

Hoje, ainda com aquele sentimento de querer ser um homem de paz, sinto também o dever de deixar aqui uma mensagem:

Aqueles iluminados da atualidade, que tanto falam, que condenam os feitos do passado desta nação que se chama Portugal, ao fazê-lo, maltratam-se a si mesmos. Direi até que se auto qualificam como ignorantes e ofensivos, porque o passado gerou o presente. Não há presente sem passado, mas pode haver presente sem futuro.

Os portugueses, só com o 25 de abril de 1974 é que passaram a poder invocar a "liberdade de expressão e livre pensamento", ignorando os limites.

Muitos portugueses, só com o 25 de Abril de 1974, passaram a invocar "a democracia". Só que passaram a invocar a Democracia como se fosse um "regime político natural".

Mas não é!

A Democracia é uma conquista civilizacional:

A Democracia tem que ser o combate à desigualdade. A Democracia só existe com democratas e o democrata é aquele que respeita o outro na sua liberdade e o considera seu igual.

Direi sempre que a Democracia começa na família, segue na escola, continua pela vida adulta seguindo vida fora.

O 25 de abril, nos seus autores, não foi só cravos vermelhos, foi libertinagem - por "El Campeador" (Otelo) e foi liberdade, por "Charlie 8" (Salgueiro Maia).

Continuo a pensar que em 25 de abril de 1974 se abriram as portas do deslumbramento que ainda hoje se vive e deste eu não gosto.

Revejo-me neste pensamento: E citando Lídia Jorge-escritora, "não era preciso uma revolução, afinal bastaria uma simples evolução".

E termino:

Após 50 anos, somos confrontados com um novo fenómeno político: A fraude das "Políticas Messiânicas", as políticas do "Único Líder", que não só em Portugal, mas também e principalmente na Europa, está a destruir a capacidade de livre pensamento e livre escolha - logo a democracia - para a juventude de hoje ser capturada amanhã. Devemos cantar "E depois do adeus", ou "Uma Gaivota" ou tantas outras.

No entanto, a mais bela de todas continua a ser "Heróis do Mar" - Hino Nacional, tal e qual como hoje é cantado.

*Haja memória,
Viva Portugal.* -----

Seguiu-se a intervenção da Senhora Deputada Municipal Marta Viana, do Grupo Político do CDS-PP, tendo referido:

*“Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia,
Senhor Presidente da Câmara Municipal,
Senhores Vereadores,
Senhores Presidentes de Junta,
Ex.mos membros da Assembleia Municipal,
Ex.mos convidados,
Esposendenses aqui presentes*

Hoje reunimo-nos para celebrar um marco histórico de profunda importância para Portugal e para com cada um de nós individualmente, os 50 anos do 25 de abril de 1974. Daquele que, para Sophia de Mello Breyner foi um dia inicial inteiro e limpo, onde emergimos da noite e do silêncio e livres habitamos a substância do tempo. Nesta data, há precisamente meio século, Portugal foi palco de um movimento que não apenas derrubou um regime autoritário, mas também, abriu as portas para um novo amanhecer da liberdade, democracia e justiça.

Ao longo destas cinco décadas, o impacto do 25 de abril na sociedade portuguesa tem sido imensurável. Testemunhamos a consolidação de uma democracia vibrante, na qual as liberdades individuais são respeitadas e a voz do povo é ouvida.

Vimos o progresso económico e social, com investimentos em educação, saúde e infraestruturas, que beneficiaram todos os portugueses.

O 25 de abril permitiu-nos também abraçar a nossa diversidade cultural e promover a inclusão social, construindo numa sociedade mais justa e solidária.

Em Esposende, essa transformação não foi menos significativa, este concelho à beira-mar plantado, onde toda a sua beleza e potencial viu-se beneficiado pela onda de mudança trazida pelo 25 de abril.

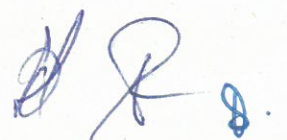
Assistimos ao florescimento das suas indústrias locais, à promoção do turismo sustentável e ao fortalecimento a sua identidade cultural.

Esposende, à sua medida, tornou-se também um exemplo de como os valores de liberdade, democracia e participação cívica, podem impulsionar o progresso e o bem-estar de uma comunidade. No entanto, apesar das conquistas alcançadas ao longo destes 50 anos, não podemos ignorar os desafios que ainda enfrentamos.

A desigualdade persiste em muitas áreas da nossa sociedade, privando muitos dos nossos concidadãos das oportunidades que merecem.

A crise climática ameaça o nosso ambiente natural, exigindo ações urgentes para proteger o nosso planeta para as gerações futuras.

A polarização política e social, coloca em risco a coesão e estabilidade que tanto lutamos para alcançar. Os jovens enfrentam atualmente uma série de desafios significativos no que diz respeito à habitação e às condições de emprego. Com os preços elevados do mercado imobiliário, a aquisição de uma habitação torna-se cada vez mais inacessível, levando a uma dependência prolongada de arrendamentos caros e instáveis, ou há necessidade de permanecer na casa dos pais por mais tempo que o desejado. Além disso, as condições de



emprego muitas vezes são precárias, com contratos temporários, baixos salários e falta de segurança no emprego, dificultando a estabilidade financeira e a independência. Esta combinação de dificuldades, cria uma situação desafiadora para os jovens que lutam para encontrar um equilíbrio entre alcançar autonomia financeira e realizar os seus objetivos de habitação e carreira. Assim, enquanto celebramos o passado e os progressos realizados, devemos também olhar para o futuro com determinação e compromisso. Neste aniversário tão significativo, é uma oportunidade para a juventude se envolver ativamente na preservação dos valores democráticos e dos direitos conquistados, enquanto também olha para o futuro, com esperança e determinação.

Que os jovens de hoje possam inspirar-se na coragem e na determinação daqueles que lutaram por liberdade e justiça há meio século e que continuem a lutar por um mundo mais justo, inclusivo e solidário.

Devemos continuar a trabalhar juntos para enfrentar os desafios que se colocam diante de nós, com a mesma coragem e resiliência que inspiraram os heróis do 25 de abril.

Devemos renovar o nosso compromisso com os valores fundamentais da democracia, da justiça e da solidariedade, garantindo que permaneçam vivos e relevantes para as gerações futuras. É essencial também, que aproveitemos esta ocasião para renovar o nosso compromisso com o desenvolvimento de Esposende e o bem-estar de todos os seus habitantes.

Devemos enfrentar os desafios com determinação e trabalhar em conjunto para construir um futuro mais brilhante e próspero para a nossa cidade.

Que este dia nos inspire a continuar a construir um Portugal e um Esposende mais justos, prósperos e sustentáveis para todos. Que honremos o legado dos que lutaram pela liberdade e pela democracia, mantendo viva a chama da esperança e do progresso.

Viva o 25 de abril, Viva a liberdade, Viva Esposende, Viva Portugal. "-----

Depois, interveio o representante do Grupo Político do PS, o Senhor Deputado Municipal Tito Evangelista, tendo referido:

"Ex.mo Senhor Presidente da Mesa,

Ex.mos membros da Mesa,

Senhor Presidente da Câmara,

Senhores Vereadores,

Senhores Deputados,

Convidados e presentes, quem gosta de participar nestas coisas da democracia e da liberdade, sejam bem-vindos a uma Assembleia Municipal de Esposende.

Pena é que as Assembleias Municipais não fossem sempre tão vistas, desde logo, através das transmissões via online, pela internet, para que todos os esposendenses, nomeadamente, os da diáspora, pudessem assistir, porque nós somos um concelho de emigrantes, temos milhares de emigrantes por esse mundo fora e, até dentro do país, muitos esposendenses moram fora do país e, se as Assembleias Municipais fossem transmitidas pela internet, como nós defendemos desde sempre, certamente a inclusão e a participação ativa, seria muito maior, o conhecimento das pessoas do que se passa em Esposende, seria muito maior e, também, seria muito maior a vivência da democracia e da liberdade.

Eu não trouxe intervenção escrita voluntariamente, porque eu falo sempre de improviso, na Assembleia Municipal e esta é uma Assembleia Municipal e eu gostava que ela fosse o mais

parecida possível com as outras. Porque o Partido Socialista ainda agora publicou e tem por esse país fora espalhado, um cartaz muito feliz que diz que o Partido Socialista há mais de 50 anos que defende a democracia dia a dia. E é isso que nós temos que fazer neste concelho, e é isso que nós temos que fazer neste país.

Porque, eu tinha pensado falar em liberdade, porque a liberdade é essencial na dignidade humana, inclusivamente. Mas liberdade todos temos, quanto mais não seja, de pensamento, enquanto o homem pensar, o homem pode ser livre, ainda que a sociedade e a organização social não permitam. Mas mais importante nesta altura, porque é consequência da liberdade, é a democracia. E a democracia, ao fim de 50 anos de 25 de abril, está verdadeiramente em risco. Não só pelos populismos e extremismos que apareceram neste país e que já têm uma relevância muito grande, em termos de expressão eleitoral, mas também, pelos populismos que existem no dia a dia. E eu ainda ontem ouvi o mais alto magistrado da Nação, dizer as maiores barbaridades acerca de Portugal e acerca dos representantes eleitos pelo povo. Mas isso tem uma vantagem, é demonstrar que apesar de mais alto magistrado da Nação, aquele que devia defender a unidade, a democracia e a liberdade, e apesar de ter vindo conspirar a data do 25 de abril com declarações inaceitáveis a todos os títulos, nas vésperas do 25 de abril, apesar disso, nós somos um povo com 900 anos, somos um país com 900 anos de história. Somos um país que é resiliente e consegue suportar esse tipo de desmandos.

A democracia deve ser, como já aqui foi dito, respeito pelo outro. E o facto de não ter trazido uma intervenção escrita, dá-nos a vantagem de ouvir as demais, e também corrigir, dentro da nossa perspetiva, aquilo que é uma perspetiva histórica, do que era o 25 de abril e a importância do 25 de abril.

E eu, não podia estar mais em desacordo com o que foi dito pelo meu colega de escola Marcelino Cunha, não no seminário que eu não andei por essas casas, mas na escola, aqui no primeiro ciclo de Esposende, primária na altura e, da intervenção do Marcelino, a única coisa que eu acho que concordo é com a parte final, em que ele diz, Viva Portugal, porque de resto, discordo em quase tudo.

Há um antes e um depois do 25 de abril, e não podemos dizer que, temos que assumir a nossa história e que tudo faz parte da história de Portugal.

Tudo faz parte da história de Portugal, mas há uma parte triste da história de Portugal e todos nós sabemos o que era Portugal antes do 25 de abril de 74, e o que é Portugal depois do 25 de abril de 74. A nível de desenvolvimento económico, social, é incomparável. Nem vou estar a perder tempo a falar nisso, nem é preciso sequer falar das vantagens da democracia, o simples facto de estarmos aqui e podermos falar o que queremos, sem estarmos sujeitos a ir para a cadeia, porque algum, muitas vezes até, os bufos da Pide, por questões pessoais, acabavam por fazer queixa e diziam, que alguém era do contra. O simples facto podermos dizer em público o que pensamos e o que sentimos, isso é um bem que não tem limite.

O que é importante é viver a democracia, e o que é importante é viver a democracia no dia a dia.

E agora vimos para Esposende, porque eu comecei por dizer que ia fazer uma intervenção, à semelhança do que faço sempre nas Assembleias Municipais, vimos para Esposende e para aquilo que é importante fazer em Esposende, porque nós estamos no mundo, estamos em Portugal, mas estamos em Esposende e estamos a celebrar o 25 de abril. E, portanto, eu já dei aqui uma dica, celebrar o 25 de abril e os 50 anos do 25 de abril, seria muito bom assumir que daqui para a frente, as Assembleias Municipais iam ser transmitidas pela internet, para que todos pudessem participar, ouvindo o que é aqui se passa.



Comemorar o 25 de abril, seria hoje o Senhor Presidente da Câmara, anunciar que todo o concelho e toda a população vai ter saneamento, porque é uma necessidade básica que 50 anos depois do 25 de abril, inacreditavelmente ainda não está cumprida.

Comemorar o 25 de abril hoje, seria dizer que as necessidades essenciais a nível de rede viária por esse concelho fora, as necessidades de habitação por esse concelho fora, iam ser supridas a curto prazo.

Comemorar o 25 de abril hoje, em Esposende, seria dizer que daqui para a frente, todos os Municípios, independentemente da freguesia a que pertencem, saiam iguais. Porque, se é verdade que eu sou ocidental, estou no ocidente e sou rápido, para ser mais rápido só se estivesse na ilha do Corvo, usando a expressão infeliz de alguém de ontem, também é preciso perceber, que não se pode dar aquela ideia de que existem dois países, um país rural, embora urbano rural, e um país urbano, e, no caso do concelho de Esposende, não pode haver um concelho urbano e um concelho rural. Quando digo rural não digo no sentido das experiências, digo no sentido do acesso aos benefícios que o urbanismo traz. Nomeadamente, a questão do saneamento básico, de uma rede de transportes viária capaz, de vias de comunicação capazes.

Isso é, comemorar o 25 de abril.

Comemorar o 25 de abril, mais do que uma referência da data de hoje, é fazer com que todos os dias, quem está à frente dos destinos autárquicos, nacionais também, se preocupe com o cidadão e faça com que as necessidades do cidadão sejam a sua prioridade. Porque se a nossa democracia está garantida constitucionalmente, e muito bem, derivada da liberdade, a democracia pode ser formal e administrativa, mas pode ser essencialmente uma democracia de vivência diária, uma democracia participativa, em que todos nós somos iguais, não só formalmente perante a lei, mas também, no acesso aos direitos e às liberdades. E, por isso, num dia como hoje, vir aqui ler um discurso preparado, com as loas à democracia e ao 25 de abril e à liberdade, é bom, é bonito, mas mais do que isso, é fazer uma pedagogia, para que no próximo, daqui a 50 anos não estaremos cá. Mas na próxima década, se possa dizer que em Esposende, há verdadeira liberdade, há verdadeira democracia, e que todos os cidadãos de Esposende, independentemente de serem de Rio Tinto, ou de Esposende, independentemente de serem de Forjães ou de Gemeses, são pessoas, são cidadãos, com a mesma igualdade de oportunidades. E hoje, formalmente isso existe, mas na verdade não é assim, porque alguém que não tem acesso ao saneamento, alguém que não tem acesso a uma rede de transportes capaz, alguém que não tem acesso a uma habitação condigna e nem vou dizer que agora estamos muito melhor do que há 50 anos, porque isso é inegável, nem vou dizer que foi feito muito em Esposende, porque isso é inegável, isso é objetivo, só alguém de má fé pode dizer o contrário, mas há uma coisa que eu vou dizer, é que nós somos verdadeiramente democratas e somos verdadeiramente defensores da democracia, da liberdade e do 25 de abril, quando nós fizermos todos os cidadãos de Esposende, naquilo que é possível, iguais. E isso depende de nós, depende dos autarcas, nomeadamente dos que estão na Assembleia Municipal e depende de termos uma voz crítica, dentro do concelho. E há uma coisa que eu gostava de dizer, hoje eu sou a única pessoa de um partido de esquerda, que vai falar nesta Assembleia e isso diz muito sobre a natureza sociológica do nosso concelho também. Eu já falei nisso numa Assembleia, isto não é de agora, isto tem 200 anos ou mais e já vem do tempo do Liberalismo e do Miguelismo. Mas há uma coisa que eu vou dizer, havia aqui um partido à esquerda, do PS, que tinha uma pessoa reconhecida na sociedade e no concelho e que tinha uma intervenção ativa na Assembleia Municipal, que não foi eleito nas últimas eleições. No entanto, foi eleito

uma pessoa que infelizmente faleceu, que tinha acabado de vir morar para o concelho de Esposende, e que ninguém sabia quem era no concelho. Isso diz bem, como é que as pessoas são atraídas muitas vezes, pelos fenómenos populistas e como é que comentadores de televisão, ainda que sejam de futebol, se tornam líderes políticos e conseguem arrebatam o voto do povo. E isso, tem a ver também com a qualidade da nossa democracia e tem a ver com a qualidade do debate público em Portugal. Porque é importante que um político tenha provas, seja conhecido e que, quem vai defender e vai executar as nossas opções, seja alguém que nós possamos um dia saber que ele vai executar e que vai ser capaz de o fazer. E o que é que nós temos em Portugal nos últimos tempos, temos políticos comentadores de televisão e líderes políticos comentadores de televisão, mesmo o Presidente da República que agora é Presidente da República, foi candidato várias vezes a várias coisas, a eleições nacionais, a eleições locais, não ganhou uma única eleição, antes de ser comentador de televisão.

E isso é preocupante, sobre a qualidade da democracia e sobre a qualidade das nossas opções, porque em Portugal, cada vez mais, é-se importante porque se aparece na TV e não se é importante pela qualidade do seu serviço e da sua ação política.

Gostava hoje, ainda, não queria deixar passar esta data e o sofrimento daqueles que nos proporcionaram a liberdade e a democracia, não só dos militares do 25 de abril, mas também, de todos os políticos que morreram na cadeia e alguns, muitos mais, que estiveram presos e que viram suas vidas destruídas, separados da família. Estando eu a representar o PS, irei falar de Mário Soares, um homem que lutou pela liberdade toda a vida, que esteve preso durante vários anos e terminava, uma vez que hoje já foi aqui muito falado, foi muita poesia declamada e bem, da Sophia de Mello Breyner, uma das minhas poetizas preferidas, uma mulher também, do Partido Socialista, gostava de ler um poema escrito ainda antes de eu nascer, por Mário Soares à mulher, Maria Barroso, na cadeia do Aljube e que diz assim:

“Para ti

Meu amor

Levanto a voz

No silêncio

Desta solidão em que me encontro

Sei que gostas de ouvir

A minha voz

Feita de palavras ternas e doces

Que invento para ti

Nos momentos calmos

Em que estamos sós

Sei que me ouves

Agora...

... uma vez mais

Apesar da distância

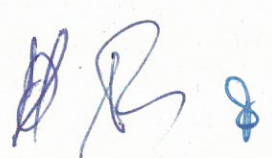
E do silêncio

Opera esse milagre

Simples

Como tudo o que é natural.”

Porque o 25 de abril não é só uma data, porque as coisas não aconteceram por acaso, porque foi à custa do sofrimento de muitos que foram presos só porque tinham opinião contrária, à opinião dominante, ao poder dominante, em homenagem a todos eles e na pessoa de Mário



Soares, eu gostava de dizer, como disse a minha colega anterior do CDS, uma jovem, Viva Esposende, Viva Portugal, Viva o 25 de abril, Viva a liberdade e Viva todos aqueles que combateram pela liberdade e pela democracia em Portugal! Muito obrigado.-----

Seguiu-se a intervenção do Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Forjães, Vítor Quintão, tendo referido:

*“Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia Municipal.
Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal.
Ex.ma Mesa, e
Ex.mas Senhoras e Senhores Vereadores.
Ex.mas Senhoras e Senhores Deputados Municipais.
Caros colegas Presidentes de Junta.
Minhas Senhoras e meus Senhores.
Comunicação Social presente.*

Este é o 25 de abril em que comemoramos os 50 anos. Lembro-me muito bem daquele dia 25 de abril de 1974, tinha então 13 anos e frequentava no edifício Escolas Rodrigues Faria, hoje Centro Cultural, em Forjães, o segundo ano do Ciclo Preparatório TV, vulgarmente designado por Telescola. A alegria própria da adolescência, foi por vezes ofuscada com os tempos que se seguiram após aquele dia de abril, poderei dizer que foram dias conturbados, difíceis, com alguma perigosidade até, e alguns sectores da sociedade de Forjães não passaram ao lado desta agitação, basta-nos ler o que refere o autor Gil Abreu no seu livro, “O 25 de abril de 1974 em Forjães”, lançado em 2019 e que aborda os factos à época, obra esta sustentada com documentos dessa realidade de então. Todos aqueles que viveram esses momentos, lembram com certeza, o “Movimento Democrático de Forjães”, conhecido com a sigla MDF, a quem Albino Penteado Neiva, dedicou um capítulo no seu livro “O Poder local em Esposende: 40 anos de promessas e Picardias” lançado em 25 de abril de 2014, por ocasião dos 40 anos da revolução. Recomendo, para todos aqueles que não conhecem, a leitura destas duas obras, aqui encontram a história, também ela, parte da nossa história de Forjães.

Passaram 50 anos desde que, em Portugal, se construiu, numa madrugada e manhã limpa que não cansamos de celebrar, um país que deixava para trás o “colete de forças” de quase 50 anos de ditadura, em que os sonhos ganharam vantagem sobre a realidade cinzenta, fechada e de censura de então.

Passamos a um País em que a Democracia e a Liberdade deixaram de ser conceitos estranhos e distantes, assumindo-se Portugal como um país de ambição pela modernidade, democracia, pela integração europeia e em que as escolhas das pessoas, passaram a ser a base das decisões da comunidade.

Celebrar abril, é relemburar e homenagear os que o fizeram. É festejar a coragem. É comemorar a valentia daqueles que colocaram a esperança e o sonho coletivo em primeiro lugar.

Celebrar abril, é continuarmos, cada um de nós, a reforçar a democracia, aprofundar, ampliar e saber respeitar, principalmente os cargos ocupados por aqueles que o povo assim decidiu, isto é democracia, isto é abril.

Com abril ganhamos muita coisa, todos sabemos que dificilmente teríamos os serviços que

hoje disfrutamos, dou como exemplo, na saúde, capaz de responder às exigências de uma pandemia grave, como aquela que recentemente tivemos. Sabemos que sem abril, dificilmente teríamos uma Educação Pública que assegurasse o acesso a todos à educação universal e gratuita. Sem o 25 de abril, não teríamos a oportunidade de afirmar livremente o que pensamos, o que achamos bem e o menos bem, sem o 25 de abril, continuaríamos amordaçados e a viver numa constante de dúvida e medo.

Celebremos por isso o 25 de abril, as portas que a todos nos abriu, mas assumamos os desafios que dia após dia, esta estrada que trilhamos nos coloca.

O facto de estarmos aqui hoje a falar de abril, a ocupar os nossos lugares, é uma conquista desse dia 25 de abril, e muitos de nós aqui presentes somos eleitos locais, por isso mesmo, as nossas responsabilidades para com as populações que nos elegeram são acrescidas e diretas, não nos escondamos por trás da cortina para deixar de dizer o que pensamos, tendo a obrigação de sublinhar, sempre alicerçado no respeito pelas pessoas e instituições que a todos nos deve pautar, também nesta casa de todos nós, da nossa democracia, que é a Assembleia Municipal. Entendo e assumo, que o Poder Autárquico Democrático foi, é e continuará a ser uma das mais importantes, bonitas e relevantes conquistas de abril, saibamos por isso aproveitá-la. Enquanto cidadãos temos a responsabilidade de defender e lembrar sempre abril, enquanto eleitos temos a responsabilidade acrescida de o aprofundar e transmitir aos que nos rodeiam, de modo particular, a todos aqueles que não o viveram.

Para mim, enquanto Presidente de Junta, abril não se esgota no dia 25, abril é um gesto diário, coletivo, de trabalho constante e consistente, de respostas, abril é fazer acontecer, é ter ambição de chegar mais além, projetando um futuro melhor para todos os forjanenses, é o compromisso assumido para com todos, na busca de melhor qualidade de vida para a nossa terra.

Celebramos 50 anos de abril, e por isso ver e sentir abril a partir da Autarquia, é perceber que atrás de cada cidadão, de cada forjanense, existe uma história, de sucesso muitas vezes, que aplaudimos, mas também de fracasso e necessidade que nos leva a intervir. As autarquias locais são hoje uma realidade que o 25 de abril nos permitiu, somos nós, os eleitos locais, a quem cabe a tarefa, talvez mais difícil, mas também talvez mais bonita e interessante, de agirmos diretamente para as pessoas, com as pessoas e pelas pessoas. Somos a porta da proximidade, aberta, quando muitas das outras se fecham.

Façamos todos aquilo que os sonhos de abril nos dão, a responsabilidade de continuar a construir um futuro melhor, sabendo respeitar sempre a vontade de todos aqueles que nos escolheram.

Estamos a celebrar 50 anos do 25 de abril, não posso por isso, deixar de lembrar o 25 de novembro de 1975 e o significado desta data para todos nós.

Pegando nestas duas datas que a todos nos marcam, e que as separam só cerca de ano e meio, fui, novamente, ler o que disse Ramalho Eanes, então Presidente da República, naquele 25 de abril de 1977.

Sobre os acontecimentos, disse então ele:

“Em abril de 1974 as Forças Armadas saíram à rua em defesa dos ideais da liberdade e da democracia. Em novembro de 1975, apoiadas pela Polícia de Segurança Pública e pela Guarda Nacional Republicana, de novo intervieram para assegurar que a liberdade reconquistada não seria traída.”

Refere ainda: “As ameaças que o País enfrentou nos últimos anos não chegaram para impedir que o povo português definisse livremente o projeto político da nova sociedade. A disputa



política quase levou à confrontação violenta entre as forças empenhadas na democracia pluralista e as forças interessadas em novas ditaduras.”

E concluiu: “O 25 de Novembro permitiu que a Constituição da República viesse a definir os objetivos, as metas e os caminhos que hão-de guiar o povo português e mobilizar o seu esforço na construção dum País mais rico e mais igual para legar às gerações que despontam nos horizontes da vida.” Disse!

Termino dizendo, que olhando para estes 50 anos de abril, preocupam-me alguns extremismos que recentemente vão surgindo no nosso País, mas também eles transversais à Europa e ao Mundo, é por isso importante a nossa mensagem de abril às pessoas.

A demagogia é uma ferramenta dos populistas que encontra a sua completa concretização na mobilização das massas.

Finalizo com o meu reconhecimento a todos os membros e Autarcas, que na Assembleia Municipal, nas Assembleias de Freguesia e Juntas de Freguesia, de modo muito particular em Forjães, com o seu trabalho e dedicação, elevaram a credibilidade e o bom funcionamento destes órgãos, para todos eles, o respeito e reconhecimento ao passado que todos nos merecem.

Viva a Democracia! Viva a Liberdade! Viva Forjães! Viva Esposende! Viva Portugal!”-----

De seguida interveio o representante do Grupo Político do PPD-PSD, o Senhor Deputado Municipal António José Morgado, tendo referido:

“Ex.mo. Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal

Ex.mo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhoras e Senhores Vereadores

Senhoras e Senhores Deputados Municipais

Senhores Presidentes de Junta

Ex.mos Senhores Antigos Presidentes da Assembleia Municipal e representantes dos que estão ausentes,

Demais convidados, minhas senhoras e meus senhores.

Comemorar os 50 anos do 25 de abril de 74, mais do que uma mera celebração formal de uma data redonda, é o revisitar da história que lhe antecedeu e da história que essa data escreveu.

E por isso, celebrar abril tem que ser encarado como um dever e uma responsabilidade. Sobretudo por parte de quem se diz democrata e respeitador dos direitos de outrem. Porque o que está em causa hoje, é o dever de honrar um marco da nossa história e a responsabilidade de manter vivo o legado que nos deixaram todos aqueles que fizeram do 25 de abril de 74, uma realidade e uma oportunidade de liberdade para todos nós.

O que está em causa, é também celebrar a democracia em Portugal e o dever de lembrar a descolonização, os que lutaram numa guerra que não queriam, e os que resistiram ao regime da ditadura para que, naquele dia, com coragem e determinação, devolvessem ao povo o que era seu por direito: o país e a condução dos seus destinos.

E é para isso que estamos aqui hoje. Não só para celebrar os 50 anos do 25 de abril, mas também, e sobretudo, para lembrar a história da democracia, os seus obreiros e agradecer tudo aquilo que eles nos deram e que abril nos trouxe.

Senhor Presidente,

Foi precisamente há 50 anos que se deu a libertação de 48 anos de repressão, pondo fim ao mais longo regime autoritário que existiu na Europa Ocidental no século XX.

Mas foi também naquele dia 25 de abril que Portugal iniciou a sua caminhada para a realização de eleições livres, em busca de um país diferente, moderno e plural, com vista numa democracia plena, alicerçada nos valores da liberdade, da igualdade e da fraternidade, e assente no modelo de desenvolvimento europeu.

Por isso, as minhas primeiras palavras de hoje são de agradecimento para os heroicos militares que se libertaram do regime e acabaram por libertar todo o povo português.

Como disse Francisco Sá Carneiro, “O 25 de abril foi para todos nós o fim da ditadura. Os heroicos militares que prepararam e executaram a revolta realizaram um ato de libertação de si mesmos, mas consigo mesmos quiseram libertar Portugal inteiro”.

Uma libertação que representa um legado de um valor inestimável. Pois a liberdade não tem preço, e com ela, trouxe o regime democrático que hoje todos conhecemos.

Um regime democrático que importa também honrar. Que se concretizou com a aprovação da constituição de 76 e se reforçou com a revisão constitucional de 82.

Um regime democrático, que apesar de não ser perfeito, não permite que seja posto em causa o respeito e as garantias dos direitos e liberdades fundamentais a que todos estamos sujeitos.

Por isso, este é também o dia de lembrar e celebrar o início da democracia em Portugal.

Mas, Sr. Presidente, volvidos 50 anos de vida em democracia, este também tem que ser um dia de reflexão e avaliação. Pois importa percebermos a dimensão do caminho trilhado, e se, em liberdade, tudo foi ou não bem feito.

Importa por isso, refletirmos sobre se, de facto, todos soubemos construir abril.

Se seremos hoje dignos herdeiros daqueles que, antes das primeiras eleições livres, souberam recentrar os princípios que nortearam a revolução de abril, impedindo, em 25 de novembro de 1975, que o excesso de ideologia política da esquerda Marxista e Leninista, voltasse atrás no processo revolucionário e tomasse conta do país.

Minhas senhoras e meus senhores.

Neste que é o dia de celebrarmos a Revolução dos Cravos, é importante percebermos se de facto o objetivo de abril de 1974 continua vivo, não apenas em memória, mas também, e sobretudo, em atos e ações.

Este é o dia para percebermos de onde partimos, até onde chegamos e para onde caminhamos. E sobre isso. Dizer que partimos das gerações que viveram a Revolução.

A geração dos meus pais e avós que nunca a esquecerão. Viveram e sentiram a repressão, a falta de oportunidades, de igualdade e o medo de pensar diferente.

Nos pós 25 de abril, e já em democracia plena, essa geração, uma vez livre, soube tirar partido da liberdade e de tudo fez para que os seus filhos e netos pudessem ter uma vida melhor e diferente da deles. Lutaram sempre por um objetivo comum. Lutaram para se manterem livres, pela democracia, pela igualdade e pelo desenvolvimento de que tanto sonharam.

E é a essa geração que devemos muitas das nossas conquistas. E se hoje temos ao serviço de todos, um sistema educativo, um serviço nacional de saúde, uma justiça independente ou um sistema de proteção social, entre muitas outras coisas, muito se deve a essa geração, ao seu esforço e às suas reivindicações.



As gerações que se seguiram, como a minha, foram crescendo com o entusiasmo das conquistas alcançadas pelos nosso país e avós, dando por garantido que a partir daquele momento tudo seria, e como acabou por ser, diferente.

A minha geração e as seguintes nunca souberam o que foi viver sem liberdade. Dando por adquirido de que nada voltaria atrás, exigindo sempre mais da liberdade conquistada, mas muitas vezes, e infelizmente, sem se preocupar em alimentá-la devidamente, não dando tudo quanto era preciso para preservá-la.

Não que esta geração não tenha sabido valorizá-la ou preservá-la. Mas porque sabendo nós que a liberdade é um estado que não se herda, mas que se conquista diariamente, é preciso que esta geração perceba hoje, que a liberdade não é apenas um dado adquirido. É preciso lutar por ela. É preciso conquistá-la e reconquistá-la todos os dias, sempre, sempre, sempre.

E por isso, por hoje já poucos saberem o que foi a repressão, a sensação que nos fica, é que o 25 de abril, apesar de todas as suas conquistas, de todo o desenvolvimento material, territorial e individual que possibilitou, hoje, nada mais é do que uma data que o país político lembra, que a escola mantém viva, que os historiadores não esquecem e que o povo apenas celebra.

O que se traduz, hoje em dia, numa evidente falta de reconhecimento do real valor que o 25 de abril de 74 e o 25 de novembro de 75 representam para os portugueses, para Portugal e para a sua história.

Algo em que é necessário todos refletirmos se queremos continuar a caminhar livremente.

Senhor presidente,

O país está cada vez mais polarizado e os valores da democracia como a conhecemos estão cada vez mais expostos a radicalismos. É urgente que quem tem responsabilidade políticas, nomeadamente nós os eleitos, movimentos e partidos políticos, tenhamos a capacidade de recentrar os valores de abril, à semelhança do que sucedeu em novembro de 75. Pois cada vez mais subsiste a ideia de que a coberto de um populismo exacerbado, a liberdade parece ter um dono.

Mas felizmente que todos sabemos que assim não é. A liberdade e tudo o que ela representa, não só não tem dono como é de todos nós.

E se o país está cada vez mais polarizado, a sociedade e a política estão mais extremadas do que nunca: Quer à direita, quer à esquerda.

Cada vez mais se usa o Nós para valorizar o Eu!

Interpreta-se um voto como um cheque em branco e há uma apropriação indevida da legitimidade dada pelo povo, muitas vezes baseada em interpretações inquinadas, que reagrupam valores e ideias antagónicas em projetos políticos comuns, que apenas servem para se chegar, permanecer ou conquistar o poder.

E nesse pressuposto, abriram-se precedentes graves que desvirtuaram o princípio da legitimidade democrática em Portugal. Aconteceu em 2015, onde, embora por interpretação legítima, mas moralmente reprovável, mesmo não vencendo as eleições legislativas de então, a esquerda moderada se uniu à esquerda radical, confundindo-se numa solução governativa que recriou um cenário político de guerrilha ideológica, lembrando o vivido nos pós 25 de abril ao alimentar a ideia de como se de uma luta da esquerda contra a direita se tratasse.

Uma solução perigosa que como se viu e tem visto, culminou e caminhou para uma degradação das conquistas de abril, e para um crescimento do extremismo em Portugal.

Hoje, pela forma como alguns políticos se movimentam no xadrez da política nacional,

ficamos com a ideia de que o conceito de liberdade parece ter um dono, parece não ter limites, ao mesmo tempo que o conceito de igualdade parece ter significados diversos, ficando, mesmo a ideia de que de uma ideologia se trata.

Minhas senhoras e meus senhores, a liberdade, como o 25 de abril, não tem dono! É património de todos os portugueses, não tem partidos e não tem ideologia.

A igualdade não é uma ideologia. A igualdade é alimentada pela liberdade, é universal, e é um direito conquistado diariamente por todos e para todos.

Sr. presidente.

O 25 de abril trouxe-nos muitas conquistas. Mas a degradação do sistema político de que há pouco falava, e a falta de implementação de reformas estruturais nos últimos anos no funcionamento do Estado, tem conduzido, cada vez mais, à uma evidente degradação de muitas dessas conquistas. Foi na saúde, na educação, na justiça, no social e em muitas outras áreas. Uma tendência que é necessário reverter.

Numa recente entrevista concedida pelo General Ramalho Eanes, este dizia, dirigindo-se aos portugueses, que era importante que nos debruçássemos sobre o 25 de abril, que se fizesse uma reflexão sobre aquilo que se conseguiu. Mas considerava que era, ainda, mais importante ainda, fazermos uma reflexão daquilo que queremos que venha ser o país.

Uma reflexão que diz muito sobre o estado como o país tem evoluído ao longo dos últimos anos. Falou quem já foi protagonista. Quem soube moderar o país político em novembro 75, e quem soube criar pontes no caminho trilhado pela democracia.

Para continuar a viver em liberdade plena e numa democracia saudável, há muito ainda por fazer.

Há que seguir o exemplo que a história da nossa democracia nos ensinou para, assim, voltar a reformar o país. Reformar o sistema político, a justiça, a saúde, a educação, o setor social, a economia, a habitação ou a cultura.

Em suma, voltar a reformar o Estado é corrigir o que não está bem, é evoluir e é ouvir o povo e respeitar a vontade das pessoas. É preciso saber fomentar e aceitar a diferença de opinião, a igualdade e a igualdade de oportunidades.

O que verdadeiramente é preciso para mudar, é dar esperança aos portugueses e dar sentido ao que é prometido. Muito ou pouco, de uma só vez ou faseadamente, o que é mesmo necessário, é que a política e os políticos vejam no povo a responsabilidade de que as pessoas estão primeiro. Não se trata só de esquerda ou direita. Trata-se da vida das pessoas, trata-se da democracia.

Uma democracia que é preciso continuar a construir com dignidade, sem populismos ou radicalismos.

E por isso, para continuarmos a construir Portugal, é responsabilidade de todos pugnarmos por manter vivos os pressupostos do 25 de abril, fazendo, para isso, prevalecer os valores da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

E é nesse pressuposto, que os políticos de hoje devem pugnar e nortear as suas ações.

Com moderação e sem nunca perder de vista de que abril não terminou e se vai construído dia após dia. "-----

Por último interveio o Senhor Presidente da Câmara, tendo referido:



*“Senhor Presidente da Assembleia Municipal e restante Mesa;
Senhores Deputados Municipais;
Senhores Presidentes de Junta de Freguesia;
Senhores Vereadores e Senhoras Vereadoras;
Senhores Ex-Presidentes da Assembleia Municipal aqui presentes;
Todos os homenageados e respetivos familiares;
Os Presidentes dos Conselhos de Administração das Empresas Municipais;
Os Representantes das Instituições Cívicas, Militares e Religiosas;
Todos os que assistem em direto a esta cerimónia, através das redes sociais do município, da Esposende Serviços TV e da Esposende 24;
Toda a Comunicação Social;
Minhas Senhoras e meus Senhores,*

Uma nota prévia, sendo esta uma Assembleia Comemorativa e Evocativa do 25 de abril, não vou obviamente contestar, esclarecer ou comentar as intervenções dos líderes políticos da Assembleia Municipal. Isto por uma nota de respeito, precisamente uma conquista de abril de 74, não que não tivesse argumentário para o fazer. E já agora, deixar também um valor transversal, que é a verdade. A verdade é muito importante e deve ser a base da democracia, e quando nós ultrapassamos a verdade, para dizer às pessoas coisas que não são realizáveis, estamos a falar de demagogia pura e, portanto, esse também é um limite que eu não ultrapasso. Se há uma coisa que enformou sempre o meu comportamento político ao longo destes anos, tem sido trabalhar numa base de verdade, de proximidade às populações, de esclarecimento, dizer apenas às pessoas aquilo que pode eventualmente ser feito e não aquilo que não pode ser feito. Conquistar o poder através da mentira, instalar-se no poder através da mentira, terá com toda a certeza um péssimo resultado.

Entrando na minha intervenção escrita, dizer-vos que o 25 de abril de 74 é uma data de grande relevo para Portugal, como todos reconhecemos e, no ano em que se celebra o seu 50º aniversário, é momento para analisar com grande sobriedade, todo o processo de transformação que se operou no nosso país, no nosso Portugal.

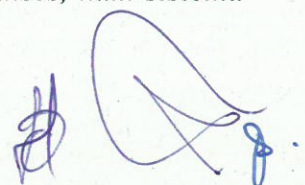
O 25 de abril libertou Portugal de um regime autocrático, que vigorava há cerca de 48 anos e, assinalou a terceira vaga do processo de democratização da Europa, envolvendo também Espanha e Grécia.

Mais do que nunca, impõe-se trazer a história para a atualidade, para que não se cometam os mesmos erros, sobre as mesmas premissas, nomeadamente da instabilidade, da corrupção política e do sistema democrático, que mergulharam Portugal numa penumbra, cuja luz tardou a iluminar.

O país viveu com privação da liberdade e acumulou um atraso significativo em várias áreas da nossa sociedade, face à grande maioria dos países europeus.

As habitações eram modestas, não havia água canalizada nem saneamento, o analfabetismo era predominante, o serviço de saúde não tinha condições e não era de carácter universal, o apoio social era inexistente.

Para que certos discursos radicais de fácil interiorização não colham aceitação junto dos mais desprevenidos, impõem-se uma explicação clara sobre os dias cinzentos da ditadura, sobre as privações de bens essenciais, sobre uma guerra sem sentido nas ex-colónias, que ceifou vidas de muitos jovens portugueses. Pior do que isso, não preparou uma saída digna para os portugueses desses territórios e também, não deixou, esses povos desses países, num sistema



democrático claro, que lhes permitisse a sua autodeterminação e um futuro bom para eles. Muitos desses países, ainda hoje não recuperaram da presença portuguesa, ou da forma atabalhoada como saímos desses mesmos países.

O 25 de abril prometeu aos portugueses o respeito pelos direitos, liberdades e garantias, inerentes à dignidade humana.

O 25 de abril veio devolver ao povo, a esperança em tempos melhores e uma saudável confiança em si próprio.

O 25 de abril garantiu a justiça social.

Em suma, o 25 de abril tornou possível a institucionalização de uma democracia plena, em Portugal.

Muitos foram os sonhos, muitas foram as ideologias políticas apresentadas aos portugueses, como modelo de desenvolvimento para o país.

Os portugueses de forma sábia e sensata, rejeitaram os modelos radicais e fundamentalistas, agarrando-se a ideologias moderadas e defensoras da liberdade e defesa dos direitos dos cidadãos.

Os portugueses escolheram um caminho moderado, longe dos extremismos e alternando entre PSD e Partido Socialista, com apoios circunstanciais de pequenos partidos políticos.

É hora pois, de honrarmos todos os que, de variadíssimas formas, lutaram pela liberdade e tornaram possível esse momento de viragem na nossa sociedade.

Valorizar é relemburar os oprimidos, os exilados, os perseguidos por um regime totalitarista, que a dada altura já não pensavam no povo, senão em manter o poder, desconfiando e perseguindo todos os que não tinham a mesma opinião, ou simplesmente, não apoiavam o poder de forma deliberada e expressa.

Festejemos então esta data histórica, sem a banalizarmos, para que não gere o desinteresse e incompreensão das novas gerações.

Caras e caros esposendenses, apesar de tudo, é certo que o sonho não foi cumprido na totalidade, afinal não há regimes políticos perfeitos, e este também não o é. É gerido por pessoas, por homens, e felizmente cada vez mais, por mais mulheres, imperfeitos por natureza humana e por isso falíveis. Contudo, não há dúvida alguma que a democracia representativa é o melhor sistema de todos. Pelo simples facto, de assentar na liberdade de escolha dos representantes e na periodicidade do plebiscito que define e consolida a escolha. E sim, todos sabemos, a escolha não é tão livre assim, face à forma como a informação é veiculada pela comunicação social e agora pelas redes sociais, e também face à impreparação política dos recetores, muitas vezes presas fáceis, para os populismos e demagogias, como se vai assistindo mais recentemente.

Mas mesmo assim, é o que mais garantias dá aos cidadãos, e o que melhores resultados tem trazido para a vida dos mesmos cidadãos.

Compara-se a qualidade de vida dos cidadãos dos países ocidentais, com regimes democráticos, com outros regimes vigentes no mundo e a conclusão é óbvia. Importa guardar, importa preservar, importa melhorar todos os dias a qualidade da nossa democracia.

Relembremos então os princípios que estiveram subjacentes ao 25 de abril de 74 e vejamos se falhamos e se terá valido a pena, deitemos mãos da expressão que se vulgarizou, “será que cumprimos abril”?

O que se espera da atualidade e do futuro?

O que é feito da fraternidade que encheu este país?

O que é feito do entusiasmo com que se enfrentou o desafio de construir um país melhor?

O que é feito da tolerância e do respeito?

O que é feito da habitação que decidimos construir para todos?

O que é feito da saúde que decidimos melhorar e cujo acesso prometemos democratizar e universalizar?

O que é feito da educação que nos propusemos elevar?

O que é feito da velhice, que nos obrigamos a proteger?

De facto, são demasiadas questões que continuam por responder e a adensar a preocupação relativamente aos valores de abril.

Nas dificuldades que hoje nos atingem, devemos encontrar nos valores de abril, a razão para nos unirmos em prol de objetivos maiores e continuar a trabalhar para atingir esses objetivos. Com base numa consciência pluralista, correspondente às correntes e opiniões políticas mais significativas, os eleitos devem empenhar-se em dar resposta aos interesse e preocupações partilhados pela população.

Essa tem sido a forma que encontramos para cumprir abril.

Temos, pois, de falar da história, com o olhar no futuro e eliminar situações em que seres humanos, continuam a viver tragicamente abaixo do nível de vida compatível com a dignidade. Se tenho alegado que o poder local foi uma das maiores conquistas do 25 de abril de 74, também entendo que continuamos a viver numa mentalidade político-administrativa construída sobre o signo do centralismo. E se outrora esse centralismo foi tão característico e útil para as ditaduras, nos nossos dias continua a ser um empecilho ao normal crescimento do país.

Caros e caras esposendenses,

homenageamos hoje aqueles que nesta casa da democracia que é a Assembleia Municipal, contribuíram com a sua disponibilidade, empenho e saber, para que o pluralismo prevalecesse e fossem construídos fortes pilares de suporte à representatividade popular.

Com a inauguração do mural evocativo, onde figuram todos os que, desde o 25 de abril de 74 presidiram a Assembleia Municipal de Esposende, perpetuamos a dedicação à causa pública.

Assim prometi em 19 de agosto de 2023, assim cumprimos hoje.

António Batista Marques Henriques

Manuel Meira Gonçalves Pereira

Jorge Dias Félix de Araújo

Luís Gonzaga Eiras de Azevedo

Rosa Cardoso Salgado Torres da Fonseca

António Fernandes Ribeiro

Alberto Queiroga Figueiredo

António Fernando Couto dos Santos

José Agostinho Veloso da Silva

Carlos Manuel Pires Martins da Silva

em nome da população de Esposende e com pedido de uma salva de palmas, Muito Obrigado!

Reitero a ideia de que o pedido local é no meu entender a maior vitória do 25 de abril.

A proximidade do exercício da gestão autárquica, permite que juntamente com a população, se construa uma sociedade mais justa e participativa.

Com modelos superlativos de participação popular, aponto dois exemplos experienciados neste Município. Aquando das obras do Largo Rodrigues Sampaio e Praça D. Frei Bartolomeu dos Mártires e da proposta de intervenção na praia de Cedovém-Pedrinhas em

Apúlia, abrimos os temas à discussão pública e convidamos a população a conhecer e a apresentar propostas para cada uma das situações.

De igual modo, definimos o investimento nas freguesias, em função das necessidades, que os Presidentes de Junta nos transmitem, auscultando a população de forma prévia, para a elaboração dos manifestos eleitorais.

Porque entendemos que os autarcas locais são aqueles que estão próximos das populações e, por isso, os fiéis transmissores das suas vontades.

Queremos a participação pró-ativa de todas e de todos.

Queremos construir este concelho com a participação de todas e de todos.

A democracia só sobreviverá, se tomarmos a responsabilidade nas nossas mãos e agarrarmos cada momento, com a intensidade que os Capitães de abril agarraram a conquista da liberdade.

Na Câmara Municipal de Esposende cumprimos abril sempre que proporcionamos melhores condições de vida à população, sempre que criamos as condições de igualdade para todos os cidadãos, sempre que apostamos na educação, na cultura, no desporto, essencialmente na ação social.

Ao longo de 14 dias, encerra hoje, decorreu a Catraia de livros, 4.500 alunos de todos os ciclos, participaram em dezenas de atividades culturais, mais de 2.500 visitantes passaram pela Feira do Livro permanente, mais do que os números, que são significativos, importam colher ilações sobre o alargamento da ação cultural a que se assiste no concelho de Esposende.

Ainda há bem pouco tempo, tínhamos número alarmantes de abandono escolar.

Estamos a desenvolver um trabalho sustentado, que já mostra resultados, e que temos esperança venha a ser ainda mais incisivo.

Haverá melhor forma que esta de cumprir abril?

Haverá melhor forma de passar a mensagem da liberdade e do respeito mútuo?

Porque a liberdade é o nosso tesouro mais precioso, impõe-se um ensino para a integração, para o humanismo e para a aceitação da diferença.

Saibamos respeitar os que lutaram e os que continuam a lutar pela liberdade.

Assumamos o compromisso de lutar pela liberdade, pela justiça social e sempre, sempre, contra os populismos e demagogia, alicerce dos regimes totalitaristas.

Estejamos atentos e vigilantes, enquanto cumprimos a nobre missão de governar os nossos territórios, colocando sempre o cidadão no centro das nossas decisões políticas.

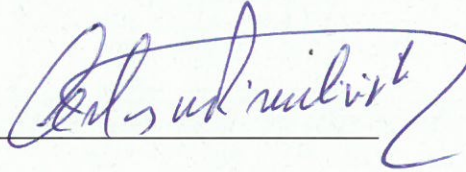
Viva o 25 de Abril!

Viva Esposende!

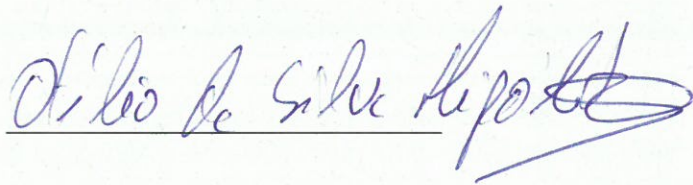
Viva Portugal!"-----

---Sendo 11 horas e 15 minutos, pelo Presidente da Mesa foi declarada encerrada a presente sessão.-----

O Presidente da Assembleia,



O Primeiro Secretário,



A Segunda Secretária,

